



**Brazilian Geographical Journal:
Geosciences and Humanities research
medium**



ARTICLES/ARTIGOS/ARTÍCULOS/ARTICLES

**FESTAS POPULARES: SIMBOLISMO, TRAJETÓRIA E
POSSIBILIDADES NA GEOGRAFIA CULTURAL**

Mestranda Ana Carolina Lobo Terra

Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: anacarolina.terra@gmail.com

ARTICLE HISTORY

Received: 15 October 2010
Accepted: 19 December 2010

PALAVRAS CHAVE:

Geografia
Festas Populares
Geografia Cultural

RESUMO

A ciência geográfica cabe um papel particular: ser uma ciência do espaço do homem. O olhar científico geográfico prioriza o reconhecimento do espaço geográfico, percebido como um sistema lógico de ações e objetos geográficos. A literatura indica o espaço detentor de uma relação direta com a sociedade, sendo sua produção e organização produto de um conjunto de práticas definidas como *práticas espaciais*. Os rituais religiosos, as paisagens, as festas populares, as práticas comerciais e econômicas, as representações políticas, entre outros temas, figuram como centrais à compreensão destas práticas espaciais. Com vistas a tal elucidação, uma questão desponta: Como ler as festas na Geografia? Para responder a esta questão, nosso estudo estrutura-se em três grandes etapas: (a) primeiramente, teremos a implantação da Geografia no cenário científico brasileiro e o descortinar da trajetória da Geografia; (b) em segundo, a retratação da Geografia Cultural – sub-campo da ciência geográfica – que possibilitará a discussão de estudos acerca da difusão, percepção e organização espacial das festas populares (profanas e religiosas), por sua dimensão simbólica; e, por fim (c) um enquadramento de estudos, que norteou, norteia e, possivelmente, norteará caminhos investigativos aos geográficos reconhecedores da festa e sua dinâmica enquanto agente modelador do espaço.

KEY WORDS:

Geography, Popular Parties, Cultural Geography.

ABSTRACT – POPULAR FESTIVALS: SYMBOLISM AND CAREER OPPORTUNITIES IN CULTURAL GEOGRAPHY A particular paper fits to geographic science: to be a science of the space of the mankind. The geographic scientific look prioritizes the recognition of the geographic space, noticed as a logical system of action and geographic objects. Literature indicates the space detainer of a direct relation with the society, being its production and organization product of a package of practices defined as *spacial practices*. The religious rituals, the landscapes, the popular parties, commercial usage and the economic ones, the politics representations, among others subjects, appear as central to the understanding of these spacial practices. With sights to such briefing, a question blunts: How to read the parties in Geography? To answer this question, our study structure itself in three great stages: (a) first, we will have the implantation of Geography in the brazilian scientific scene and the disclosing of the trajectory of Geography; (b) second, the retraction of Cultural Geography - inside of geographic science - wich will make possible the quarrel of studies concerning the diffusion, perception and spacial organization of the popular parties (profane and religious), for its symbolic dimension; and finally (c) a framing of studies, that guided, guides e, possibly, will guide investigatives ways to the recognizing geographics of the party and its dynamics while modeller agent of the space.

1. Introdução

A ciência geográfica cabe um papel particular: ser uma ciência do espaço do homem (SANTOS, 1991). O olhar científico geográfico prioriza o reconhecimento do espaço geográfico, percebido como um sistema lógico de ações e objetos geográficos. Aos objetos caberá atender a uma necessidade (MONOD, 1974), clarificar as técnicas e as intenções da sociedade nele inseridas (SANTOS, 1999). A literatura indica o espaço detentor de uma relação direta com a sociedade, sendo sua produção e organização produto de um conjunto de práticas definidas como *práticas espaciais*. Os rituais religiosos, as paisagens, as festas populares, os deslocamentos populacionais, as práticas comerciais e econômicas, as representações políticas, entre outros temas, figuram como centrais à compreensão destas práticas espaciais. Com

vistas a tal elucidação, uma questão desponta: Como ler as festas na Geografia?

As festas populares e religiosas constituem-se num campo de estudos explorados de forma profícua por determinadas ciências humanas e sociais, em especial a Antropologia, a Sociologia e a História. Entretanto as abordagens desse assunto na Geografia são parcas, podendo mencionar, recentemente, as contribuições diretas de Bezerra (2007), Corrêa, A. (2003, 2005), Felipe (2007), Fernandes (2001 e 2003), Ferracini e Maia (2006), Ferreira (2000, 2003), Katrib (2006), Madouef (1997), Maia (1999, 2001, 2004), Ramagen (1997), Ribeiro (2006), Rodrigues (2007), Saraiva e Silva (2008) e Silveira (2006). Tais estudos são voltados, sobretudo, para festas religiosas e o carnaval. Trata-se de esforço de se estabelecer a geograficidade de manifestações culturais que têm se constituído em tradição nas outras ciências sociais. Assim, qual seria a justificativa para esta realidade de *déficit* da ciência geográfica?

Para relatar e compreender as análises geográficas acerca de festas populares e religiosas torna-se mister contextualizar nuances e recortes. Nas discussões científicas, torna-se ímpar o reconhecimento de que assuntos, idéias, métodos e questões são ou não são enaltecidos mediante as relações de poder cernentes à época (BOURDIEU, 1968). Neste escopo, o desenvolvimento de um campo do conhecimento científico se dá de modo contextualizado, inserido em contexto duplamente escalar. Em primeiro, encontra-se inserido no movimento da ciência, particularmente do sub-campo que se investiga; a este vinculamos o contexto externo. Em outra escala, acrescenta-se o contexto interno ou local, onde processos e características gerais, do contexto externo, são apropriados por pessoas que reúnem curiosidade, imaginação e empreendedorismo para absorver, e eventualmente (re)trabalhar, um conhecimento novo ou julgado como tal (BARNES, 2004). Assim, tendo como objetivo o resgate das discussões entre Geografia e Festas, nosso estudo estrutura-se em três grandes etapas: (a) primeiramente, teremos a implantação da Geografia no cenário científico brasileiro e o descortinar da trajetória da Geografia; (b) em segundo, a retratação da Geografia Cultural – sub-campo da ciência geográfica – que possibilitará a discussão de estudos acerca da difusão, percepção e organização espacial das festas populares

(profanas e religiosas), por sua dimensão simbólica; e, por fim (c) um enquadramento de estudos, que norteou, norteia e, possivelmente, norteará caminhos investigativos aos geográficos reconhecedores da festa e sua dinâmica enquanto agente modelador do espaço.

2. *Trajetória Científica da Geografia Brasileira*

A Geografia moderna - e, dentro desta, geografia humana em particular – originou-se no contexto de afirmação dos Estados nacionais europeus, conhecendo grande importância e rápido desenvolvimento exatamente naqueles países que vivenciaram dificuldades nesse processo (CLAVAL, 1974). Enquadrando-se nesta realidade, uma vez que ainda não existia um conhecimento do território nacional, o Brasil sofreu a armação de um aparato institucional dedicado a essa disciplina, datado a partir da década de 1930, com a organização dos cursos universitários de geografia no Rio de Janeiro e em São Paulo (1934), a normatização da disciplina no ensino básico de alguns estados, a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1935), a criação, pelo Estado, do Conselho Nacional de Geografia (1937) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1939). Tais atos interligados rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país. A precária apropriação por parte dos geógrafos brasileiros da primeira geração, com poucos recursos e com amplo e desconhecido território a ser analisado, gerou pesquisas que abordaram as relações sociedade-natureza privilegiando aspectos relativos ao povoamento, sistemas agrícolas e o urbano (MONTEIRO, 1980 e MORAES, 1981). Aqui as festas eram somente retratadas nas descrições ideográficas.

Em sua trajetória, a ciência geográfica figurará local de destaque durante o Estado-Novo onde “alcançou uma posição de hegemonia no campo intelectual” (CASTRO FARIA, 1993: 10). Neste momento, dada a influência de Pierre Monbeing, predominam os estudos sobre as cidades (CASTRO FARIA, 1993). Um exemplo desta influência figura no Congresso da União Geográfica Internacional, realizado no Rio de Janeiro em 1956, onde existiu uma

predileção por estudos e debates cernentes à geografia urbana (CORRÊA, 1994).

Nos estudos de um pesquisador da época reconheceremos a primeira busca pela origem das cidades. Para Mumford (1965), mesmo que a cidade fosse um lugar de residência fixa ela foi “um ponto de encontro” para onde periodicamente as pessoas voltavam. Assim, “o ímã precede o recipiente, e essa faculdade de atrair os não residentes para o intercuro e o estímulo espiritual (...) continua sendo um dos critérios essenciais da cidade” (MUMFORD, 1965, p.19). Partindo dessas observações, é possível dizer que o primeiro germe da cidade é o espaço de encontro cerimonial, é a festa. Compartilhando tais observações, outros autores debruçaram-se sobre a dinâmica da festa, reconhecendo o objeto em sua função político e econômica enquanto detentor de centralidade.

Com salto para a expansão dos cursos de Geografia no Brasil a partir de 1970, perceberemos que a mesma foi acompanhada pelo desenvolvimento relativo da geografia teórico-quantitativa entre 1970 e 1978, aproximadamente. Em 1978, a Geografia vincula-se à influência do materialismo histórico e dialético, apreendido, em muitos casos, de forma superficial e com equívocos. Neste momento as leituras de manifestações culturais, entre elas das festas populares e religiosas, são tidas como menores e esquecidas. A própria discussão de cultura poderia ser deixada de lado, pois era concebida por muitos como superestrutura, determinada pela base econômica, esta sim, que deveria ser estudada, assim como os conflitos advindos das relações de produção (CORRÊA, 2003). Esta figuração da ciência marca de 1980 a 1990, caracterizando no Brasil uma Geografia caracterizada pelo predomínio de uma visão calcada em uma perspectiva crítica.

A partir de 1990, a Geografia Brasileira aborda novas possibilidades em seus estudos. Uma justificativa para tal análise seria o contexto externo da ciência onde figura o “descobrimento” da geografia cultural anglo-americana enquanto campo científico de estudo que, a partir da década de 1970, e, sobretudo, durante os anos 80, é (re)configurada a partir de diversas matrizes (JACKSON, 1989, COSGROVE e JACKSON, 2003). Esta nova possibilidade de estudo permite um crescimento nas discussões acerca da espacialidade das

festas populares. No próximo tópico, pontuaremos de forma mais precisa tais matrizes.

A Geografia Cultural Renovada e as Leituras acerca das Festas Populares

As festas populares são rituais e, assim sendo, consistem em momentos especiais de convivência social, onde certos aspectos da realidade são postos em relevo (DA MATTA, 1983). As festas populares consistem em manifestações culturais que se caracterizam, dentre outros aspectos, por serem eventos efêmeros ou transitórios, capazes de imprimir funções às formas espaciais (existentes ou não). A festa é, do ponto de vista da geografia, uma oportunidade de primeira ordem para compreender a natureza do laço territorial, pois ela permite:

perceber os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui, com efeito, a capacidade de produzir símbolos territoriais cujo uso social se prolonga bem além de sua duração. Esta simbólica festiva une e qualifica lugares (...) (DI MÉO, 2001, p.1-2).

Como caminho de conhecimento, a geografia cultural permite compreender a festa a partir da ética de suas dimensões política, econômica e simbólica. Tal premissa se qualifica pelos seguintes pontos presentes neste sub-campo, a saber:

(a) A geografia cultural renovada liberta-se da visão de cultura como entidade supra-orgânica, independente, pairando sobre a sociedade e determinando as suas ações

Esta visão deriva do pensamento darwinista social de Herbert Spencer que, por intermédio do antropólogo Alfred Kroeber, professor em Berkeley e realizador da obra “Cultural and Natural Areas of Native North America”, onde é transposta uma “tentativa séria de articulação de todos os dados relativos ao ambiente – clima, vegetação, fisiografia” (CASTRO FARIA, 1993, p.11); chega a Carl Sauer e aos seus discípulos, que a adotam.

Tal visão recebeu em 1980 a crítica contundente de Duncan (2003). A cultura passa a ser considerada como um contexto, isto é, um reflexo da prática social e simultaneamente um meio no qual essa prática se efetiva e uma condição na qual essa mesma prática tende a se reproduzir. A cultura é, assim, uma construção social, construída e reconstruída, constituinte e reconstituente, porém vivida diferenciadamente pelos diversos grupos sociais, resultantes de uma combinação de traços relativos à classe, gênero, idade, etnia e religião, entre outros aspectos. Fala-se em diversidade cultural (WILLIAMS, 2003). Neste escopo, a festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, simbólicos; contudo, o “mais crucial e mais geral desses produtos, segundo Guarinello (2001, p.972), é precisamente, a produção de uma determinada identidade”.

Essa simbolização da unidade é encontrada nas considerações que Durkheim (2003) elabora sobre festa. Os ritos comemorativos ao mesmo tempo em que libertam, também celebram a unidade; através deles, “o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade” (DURKHEIM, 2003, p.409). Para este autor, através dos ritos comemorativos os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais, pois as gloriosas lembranças que fazem reviver diante de seus olhos e das quais eles se sentem solidários, dá-lhes uma impressão de força e de confiança. Ainda com relação à identidade, Guarinello (2001) reforça que a festa gera a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade. O fato é comemorado e, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção das expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. “A festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social” (GUARINELLO, 2001, p.972).

Enquanto forma de produção de identidade, a festa vem assumindo um papel importante em algumas cidades brasileiras, sobretudo nas últimas décadas em que vem se impondo a necessidade de uma diferenciação no mercado de cidades, podendo pontuar como exemplo, as cidades de Saquarema/RJ e Paraty/ RJ, ambas cidades balneário, que se utilizam das festas religiosas – Nossa Senhora de Nazareth de Saquarema e Divino Espírito Santo, respectivamente – como fator mercadológico. A festa, nesse contexto, tem sido um dos veículos através do qual a identidade local é (re)atualizada e sintetizada. Essa identidade, conforme Sanchez (2003), tem sido apresentada como condição de sobrevivência e de êxito da cidade face à globalização.

(b) Significados constitui a palavra-chave da geografia cultural renovada

Incorpora a tese de Cassirer (2001), de que para a compreensão da realidade social é necessário se ir além de sua organização, constituição e estrutura, introduzindo-se os significados que dela fazem aqueles que com suas práticas sociais construíram a própria realidade. Trata-se de interpretar a espacialidade criada e seus sentidos. Pois, como afirma Cosgrove (2003, p.103), “toda atividade humana é ao mesmo tempo material e simbólica, produção e comunicação”. Os símbolos, representações de expressão, transcendência e valor (MELLO, 2008), contudo, podem expressar vários significados, ainda que haja a intenção por parte daqueles que os conceberam, de dotá-los de um único significado. Hall (1997) reafirma a perspectiva construtivista, na qual os símbolos são abertos, instáveis, sujeito a diferentes interpretações de acordo com as experiências de cada grupo social. Fala-se em polivocalidade, um antídoto contra a imposição de um único significado que as elites, em sua hegemonia cultural pretendem impor.

Os significados criados, no entanto, constituem também um meio e uma condição social. Sua importância dos significados para a geografia cultural renovada levou Jackson (1989) a denominar o seu livro de geografia cultural de “Maps of Meaning”, uma metáfora espacial e cultural. Aponte-se, finalmente, que a análise dos significados pode ser feita em relação a qualquer aspecto da espacialidade humana, qualquer período de tempo e em diferentes escalas espaciais. Neste escopo, o simbolismo das festas religiosas marca a

identidade *do e no lugar*. A ida para a festa faz parte do "mundo ritual", e não da vida cotidiana.

Em efeito, o deslocamento aí realizado assume um significado ímpar, pois "é a marcha que se torna importante", posto que ela mesma é ritualizada - ou seja, "no caminho consciente do ritual, o alvo e a jornada se tornam mais ou menos equivalentes" (DA MATTA, 1983, p.80). Ir para a festa é deixar-se levar pelos caminhos da emoção e descortinar a carga simbólica de suas formas espaciais simbólicas e bens simbólicos (MAIA, 2001 e TERRA, 2006). A emoção está na festa, ou melhor, no mundo festivo que, sobrecarregado afetivamente, encanta já e muito mais à medida que o migrante se desloca, fazendo do deslocar-se emocionado um "ritual de passagem" em sentido pleno (passagem de uma forma de apreender o mundo a outra). Conferindo-se à festa uma "existência maior", exagerada, "todas as estruturas que podem afastar o mágico e reduzir o acontecimento a proporções justas" (SARTRE, 1965, p.78) são erradicadas no deslocamento espacial.

(c) A dimensão política na geografia cultural renovada

Esta dimensão aparece ao se apontar às relações entre cultura, classes sociais, poder, políticas culturais (WILLIAMS, 2003) e política de significados (GEERTZ, 1989). As relações entre cultura e política manifestam-se tanto materialmente como imaterialmente, apresentando uma espacialidade que as torna de interesse para o geógrafo. Neste mote de análise, os estudos acerca da festa alcançam suas dimensões econômicas e políticas. Aqui a festa, enquanto agente organizador do espaço, ganha centralidade, pois seu poder de impressionar somado a seu caráter estético e ao mesmo tempo simbólico e material tem contribuído para sua importância no processo de representação da cidade (CALVO, 1991). A festa passa a ser utilizada como recurso, sendo apropriada como uma das possibilidades de delimitação das particularidades locais frente ao mercado global. Canclini (1983) é enfático ao caracterizar as festas populares como extensão e reprodução das relações de desigualdade existente no seio da sociedade capitalista. Esse processo tem tido um rebatimento na (re)organização do espaço urbano, desencadeando investimentos nas políticas de revitalização de centros históricos e na

organização de festas – que têm assumido a característica de grandes espetáculos – reafirmando, desse modo, particularidades/singularidades regionais e locais, o que implica uma (re)elaboração das identidades, que, não raramente, são vendidas no mercado de cidades (YÚDICE, 2004).

A festa assume uma condição de mercadoria. Amaral (1998, p.9) afirma que a “festa à brasileira” possui uma tríplice importância, a saber:

- por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e símbolos do povo brasileiro);
- por servir como modelo de ação popular (no sentido que tem sido em muitas ocasiões o modo de concentração de riquezas); e, por fim,
- por servir como espetáculo de muitas cidades.

Além dessas “funções”, ou permeando-as, é preciso acrescentar que a festa apresenta um caráter político, uma vez que na maioria das festividades são utilizadas como forma de legitimação das elites políticas locais e delimitação de classes sociais. Um exemplo empírico para tal análise, se valida nos estudos de GALVÃO (1976) sobre as festas religiosas de Itá, localidade do Baixo Amazonas, onde as diferentes classes sociais têm representantes em cargos específicos na dinâmica das festas dos santos, em especial, de São Benedito. Os Juízes e Mordomos são escolhidos pelos diretores das Irmandades e responsáveis pelo custeio da festa. Dentre os Juízes são empossados o “juiz de mastro” – responsável pelo primeiro dia festa – e o “juiz da festividade” – responsável pelo dia do santo, dia de maior sacralidade –. Aos Mordomos cabe o custeio das ladainhas dos dias intermediários da festa.

A participação festiva, embora importe “exposição” e “proximidade” para festejar não cria uma situação entre os atores sociais envolvidos, principalmente quando é uma festa de competição. Salientamos que a participação nas festas deriva de um sacrifício. Nas festas profanas esse sacrifício remete-se ao regozijo e exibição e, em contra-ponto, nas festas religiosas (ou sagradas), expressa fé e devoção (MAIA, 1999).

(d) A diversidade metodológica e teórica da geografia cultural renovada

Estes aspectos foram influenciados pelas mudanças que, a partir da década de 1970 afetaram toda a ciência, não sendo específicos à geografia cultural (CAPEL, 1981 e GOMES, 1996). A geografia cultural beneficiou-se com aportes do marxismo, fenomenologia, hermenêutica, ciências sociais e humanidades, como a crítica literária e a lingüística, e das ciências naturais. A geografia cultural torna-se plural, constituindo-se, segundo Duncan (2000) em uma heterotopia. Em Myers, Geevy, Carney e Keeny (2003), por sua vez, assinalam que em relação aos Estados Unidos à geografia cultural a partir dos anos 90 apresenta três perspectivas, humanista, marxista e pós-estruturalista que, para muitos autores se interpenetram. Junte-se ainda a geografia cultural saueriana, com discípulos de quatro ou cinco gerações.

A diversidade da geografia cultural renovada inclui a denominada abordagem cultural em geografia dos geógrafos franceses liderados por Paul Claval. Incorpora ela a tradição vidaliana e as reflexões de geógrafos franceses com experiência ultramarina e um esforço de se aproximar de seus colegas anglo-americanos. Tal diversidade permitirá ler a festa pela tipologia elencada no próximo tópico de nossa elucidação.

3. As Discussões Espaciais sobre a Festa

As festas populares constituem-se, como um dos variados elementos que compõem a dimensão simbólica produzida e/ou reproduzida com base nas relações e materialidades do espaço geográfico.

Com as premissas de Bourdieu (1989) torna-se essencial ao cientista validar a prática reflexiva de sua ação, partindo à aproximação de discussões científicas de diferentes ciências. Assim, a complexidade das discussões relacionadas às festas populares não se restringe apenas à definição conceitual e ideológica. Esta ainda é ampliada quando se propõe estender as considerações para as dimensões do sagrado e do profano, intrínsecas as

festas de origem religiosa em homenagem ao santo de devoção (ROSENDAHL, 1996).

Como então pensar com um olhar geográfico sobre as festas? Uma possibilidade de olhar geográfico sobre a festa seria um olhar

desvelando fronteiras existenciais, a projeção espacial das práticas rituais, a emoção enquanto fundamento construtivo de espacialidade e as marcas da tradição no espaço podem contribuir bastante para uma melhor compreensão do significado de ser humano (MAIA, 2001, p.196).

Neste intuito, a abordagem feita sobre a temática proposta não contempla apenas seus aspectos culturais, mas, aborda, sendo detentora de enfoque geográfico, as dimensões espacial e econômica. Para Maia (1999) quatro eixos de pesquisa enquadram e permitem discussões acerca da dinâmica espacial da festa, a saber:

As territorialidades das festas populares: a territorialidade será compreendida em seu caráter relacional. Trará, em seu escopo, a fixação e a mobilidade dos grupos culturais. Configura-se como “a expressão de um comportamento vivido” (BONNEMAISON, 2002, p.100). Neste mote de análise, o alvo de investigação seriam as relações de poder projetadas no espaço da festa. Para maior esclarecimento, ver Corrêa, A. (2003).

As redes geográficas formadas pelas festas: a rede geográfica possui um viés material, um viés social e um viés político; apresenta duas matizes: a que considera seu aspecto material e a que leva em conta seu dado social. As redes geográficas residem da organização espacial proposta por dada entidade social. Assim, “as redes geográficas são, como qualquer materialidade social, produtos e condições sociais” (CORRÊA, 2001, p.108). Neste enquadramento, encontram-se tantos os trabalhos voltados às redes sociais da organização da festa, das relações da festa com outras festas e das redes de mercadoria e bens simbólicos vendidos durante as festas, em especial, as religiosas.

As interações espaciais: esclarece o “conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico” (CORRÊA, 1997, p.279) promovido nas festas que certamente, é bastante diverso. Somando tal premissa as análises de Ullman (1974), poder-se-ia ler as relações de “complementaridade” e “oportunidades intervenientes” entre os diferentes locais das festas e suas áreas circunvizinhas.

As festas e(m) seu lugar: os lugares simbólicos repletos de significados e significantes não são meramente descobertos, fundados ou construídos, mas, sim, “reivindicado, possuído e operado pela comunidade” (ROSENDAHL, 2003, p.203). O conceito de lugar no sentido de pertencer numa tentativa de esclarecer melhor a maneira como são construídas as identidades de lugares e as identidades de pessoas, como indivíduos e como membros de grupos, levando em conta que há uma relação recíproca entre essas identidades. Neste contexto, existe uma posição teórica que defende a construção da identidade coletiva como determinante de grande parte do conteúdo simbólico dessa construção. A preocupação é a maneira como grupos culturais podem afirmar sua identidade ao lugar, intencionalmente ou não, de modo que o lugar tenha uma identidade simbólica (NORTON, 2000), sendo escolhido, em detrimento de outros, para a prática da festa.

A espacialidade das festas: neste vasto eixo, inúmeros temas são vislumbrados, dentre os quais destacamos: estudos comparativos entre festas rurais e urbanas, ou locais, regionais, nacionais e internacionais e as diferenças entre festas sagradas e profanas na apropriação do espaço. Legitimando territórios, criando paisagens vernaculares e paisagens oficiais, vinculando ações. Nesse mote, o espaço se torna palco e objeto, possibilitando diferentes visões.

4. Considerações finais

A Geografia traz para a análise da festa um grande estoque de possibilidades. Seja pensando na mesma como objeto central, em sua dimensão simbólica, econômica e política – como percebemos nos estudos brasileiros a partir da década de 1990 – seja como reboque das transformações espaciais de temporalidades definidas – em especial, nos

estudos cernentes ao espaço urbano e espaço rural – o tema apresenta importância a esta ciência. Este breve estudo buscou apresentar, de forma introdutória, algumas das impressões do diálogo entre a ciência geográfica e a dinâmica espacial das festas. Esperamos com ele permitir a compreensão acerca deste diálogo e possibilitar novos caminhos de estudo.

Referencias

- AMARAL, R. C. M. P. **Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese de doutorado apresentada no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, 1997.
- BARNES, T.J. **Placing Ideas, Genius Loci, Heterotopia and Geography’s Quantitative Revolution**. Progress in Human Geography, 23(5), pp. 565-595, 2004.
- BEZERRA, A.C.A. Festa e Cidade: Entrelaçamentos e Proximidades. **Espaço e Cultura**, 23, 2007 (eletrônico).
- BONNEMAISON, J. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BOURDIEU, P. "Introdução a uma sociologia reflexiva" In: _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Bertrand, RJ: Difel, 1989, p. 17-58.
- BOURDIEU, P. “Campo Intelectual e projeto criador.” In: Jean Pouillon. **Problemas do Estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 105-145.
- CALVO, E. G. **Estado de Fiesta**. Madrid: Ed. Espasa-Calpe, 1991.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. Ed. Brasiliense, 1983.
- CAPEL, H. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporânea**. Barcelona, Barcanova, 1981.
- CASSIRER, E. **Filosofia das Formas Simbólicas 1: A Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (1923).
- CASTRO FARIA, L. de. "A Antropologia no Brasil: Depoimento sem compromisso de um militante em recesso". **Antropologia, espetáculo e excelência**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Editora Tempo Brasileiro, 1993, p. 1-25.
- CLAVAL, P. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona, Oikos-Tau. 1974.
- CORRÊA, A.M. “Não Acredito em Deuses que não Sabem Dançar”: A Festa do Candomblé e Território Encarnador da Cultura. In **Geografia: Temas sobre Espaço e Cultura**. Org. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2005.
- CORRÊA, A.M. Festas da Irmandade da Boa Morte: A Disputa pelo seu Sentido. In **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Org. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.

CORRÊA, R.L. Hinterlândias, Hierarquias e Redes: Uma Avaliação da Produção Geográfica Brasileira. In **Os Caminhos da Reflexão sobre Cidade-Urbano**. Org. A.F.A. Carlos. São Paulo, EDUSP, 1994.

CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORRÊA, R.L. A Geografia Cultural e o Urbano. In **Introdução à Geografia Cultural**. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. Em Direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In **Introdução a Geografia Cultural**. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003 (1983).

COSGROVE, D. e JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In **Introdução à Geografia Cultural**. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 272.

DI MEO, G. **La géographie en Fêtes**. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

DUNCAN, J. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In **Introdução à Geografia Cultural**. Org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003 (1980).

DURKHEIM; E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

FELIPE, J.L.A. **Festa e Poder Político**. Espaço e Cultura, 23, 2007 (eletrônico).

FERNANDES, N. N. **Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, N. N. Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular: Limites do Passo e Possibilidades do Presente. In **Espaço e Cultura** – N° 15- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC 2003.

FERREIRA, L.F. Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu Carnaval. **Espaço e Cultura**, 9-10, pp. 7-34, 2000.

FERREIRA, L. F. O lugar Festivo - A festa como essência espaço-temporal do lugar. In **Espaço e Cultura** – N° 15- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2003.

FERRACINI, R. E MAIA, C.E.S. O Espetáculo na Praça: A Roda de Capoeira. Angola. **Espaço e Cultura**, 22, 2006 (eletrônico).

GALVÃO, E. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, Brasília, INL, 1976 [1955] (“Coleção *Brasiliiana*”, v. 284).

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico Editora S.A., 1989 (1973).

GUARINELLO, N. L. **Festa, trabalho e cotidiano**. In. JANCSÓ, I & KANTOR, I (orgs). Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.

- GOMES, P.C.C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.
- HALL, S. **Representations**. Cultural Representations and Signifying Practices. Londres, Routledge Publications, 1997.
- JACKSON, P. **Maps of Meaning**. Londres, Routledge, 1989.
- KATRIB, C.M.I. Espaços Desvelados: A Dinamicidade dos Festejos do Rosário em Catalão, GO. **Espaço e Cultura**, 21, 2006 (eletrônico).
- MADEOUF, A. Quand le Temps Révèle l'Espace, les Fêtes de Husayn et de Zaynad au Caire. **Géographie et Cultures**. Paris: L'Harmattan, n.º 21, printemps, 1997. p. 71-92.
- MAIA, C.E.S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. In **Manifestações da Cultura no Espaço**. Org. Z Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1999.
- MAIA, C.E.S. O Retorno para a Festa e a Transformação Mágica do Mundo: Nos Caminhos da Emoção. In: **Religião, Identidade e Território**. Org. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- MAIA, C.E.S. Vox Papuli Vox Dei: A Romanização e as Reformas das "Festas de Santo" (Implicações nas Práticas Espaciais nas Festas do Divino Espírito Santo e do Divino Pai Eterno de Goiás). **Espaço e Cultura**, 17-18, pp. 99-166, 2004.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos "Deslugares". **Espaço e Cultura** (UERJ), v. 1, p. 167-174, 2008.
- MONOD, J. **Chance and Necessity, an Essay on the National Philosophy of Modern Biology**. Glasgow: Fontana Books, 1974.
- MONTEIRO, C. A. de F. **A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e perspectiva**. São Paulo, Instituto de Geografia/USP. 1980.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo, Hucitec. 1981.
- MUMFORD, L. **A Cidade na História**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- MYERS, G.A., MCGEEVY, P., CARNEY, G.O. e KENNY, J. **Cultural Geography**. In Geography in America at the Dawn of 21st Century. Org. G.L. Gaile e G.L. Willmott. Oxford, Oxford University Press, 2003.
- NORTON, W. **Cultural Geography: themes, concepts, analyses**. Oxford University Press. 2000
- RAMAGEM, S.B. **Eretz Yiroel: Território e Identidade Lúdica**. Espaço e Cultura, 6, pp. 47-62, 1998.
- RIBEIRO, G. J. **A festa e suas manifestações: as manifestações do sagrado e o profano na festa da Fazenda Cocal**. Caminhos de Geografia 7 (18) 96 - 109, jun/2006 (eletrônico)
- RODRIGUES, M. da P. de J. **Festa do Senhor do Bonfim em Muritiba – Ba: Uma Manifestação Popular Mercantilizada** In: Anais do II NEER: http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20%20MariadaPazdeJesusRodrigues.ED1IV.pdf acesso em 01/085/2009
- ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ROSENDAHL, Z. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

SANCHEZ, F. **A Reinvenção das Cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1991.

SANTOS, M. **Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 3.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

SARAIVA, A.L. E SILVA, J.C. **Espacialidade das Festas Religiosas em Comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia**. Espaço e Cultura, 24, 2008 (eletrônico).

SARTRE, J. P. **Esboço de uma Teoria das Emoções**. (Trad. Fernando de Castro Ferro). Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

SILVEIRA, P.R.M. **A Manifestação da Festa de Pessach em seu Espaço e Tempo de Tradição, Identidade e Simbolismo**. Espaço e Cultura, 21, 2006 (eletrônico).

TERRA, A. C. L. A Territorialidade da Igreja Católica nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE RELIGIÕES, RELIGIOSIDADES E CULTURAS. **Anais do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas**. Dourados: UFGD, 2006.

ULMMAN , E. L. Geograhys Spatial Interaction. In ELIOT HURST, MICHAEL E. (org). **Transportation Geography**. New York: Mac Graw-Hill, 1974, p. 29-40.

YÚDICE, G. **A Conveniência da Cultura**. Usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2004.

WILLIAMS, R. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **Espaço e Cultura**, 14, p. 7-21, 2003 (1973).